



NÃO restam dúvidas de que o Prémio do Romance a atribuir este ano pela Sociedade Portuguesa de Escritores vai para um destes dois livrinhos: «O Hóspede de Job», do sr. José Cardoso, ou «As Boas Intenções» do sr. Augusto Abelário. E porquê? Porque esses romances sejam bons? Porque sejam maus?

Não. Apenas, e simplesmente, por isto: porque qualquer desses senhores, em princípio, é «persona grata» à Sociedade Portuguesa de Escritores. Grata e com tradições na casa por excelência barraqueira, de assembleias turbulentas criticadas por gregos e troianos, abaixo, as tais assembleias, do nível das assembleias desportivas do bairro. Um desses romances será o premiado e terá, então, a nossa crítica isenta. Por agora, este vaticínio, e que lhes preste. Um vaticínio que acertará no vinte, tal como o ano passado, quando se falou na «Paleta» do outro e que acertou, foi certinho como ginjas, apesar de a obra nem sequer constituir, pelo facto de não ter saído senão parcialmente no ano candidatá-

OS PRÉMIOS ATRIBUÍDOS NO ANO DE 1964 PELA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES SERÃO... ESTES

como as coisas se cozinham. Para já, vaticinamos, ou, melhor, deduzimos quem vai ganhar o Prémio do romance. Logo falaremos sobre o romance premiado, que pode ser qualquer dos dois cita-

- OS PRÉMIOS DA S. P. E.
- O LAMENTÁVEL CASO DO PIRES
- A VISITA DO AMIGO GRILLET AO SEU AMIGO PLAGIÁRIO E AOS MIÚDOS

vel, obra candidatável e logo premiável.

Bruxos? Não, não é negócio de bruxaria. Cá não há bruxas. As bruxas de Salém são outras, mas nós não pertencemos à confraria.

E há quem ainda se candidate àqueles Prémios!? Prémios como aqueles não categorizam ninguém. Primeiro, Miguéis, Vergílio Ferreira e Fernanda Botelho. Depois... não falemos nisso, pois eles sabem e nós sabemos

dos, e logo lhe faremos a desmontagem. Ambos se prestam a isso, pois um e outro...

Nós depois faremos uma análise rigorosa, objectiva, para que se não diga que se hostiliza por hostilizar. Já está encarregado de fazer essa análise alguém que não a nossa pessoa.

O LAMENTÁVEL CASO DO PIRES

O Pires é o candidato com mais probabilidades, por várias razões... E, voltando à vaca fria, parece impossível, mas é verdade. O nosso camarada A. provou, no número do «Agora» de 21/3, por A + B, que o sr. José Cardoso Pires é outro igual a tantos, que usa as mesmas manobras sujas de certos parceiros.

Com que então, Cardoso, o teu romance «O Hóspede de Job», publicado simultaneamente em Portugal e na Itália (na cinta portuguesa), na cinta italiana foi proibido pela Censura portuguesa? E então, heim, como se os livros fossem à Censura ou como se tu o enviasses espontaneamente à Censura!

Quem deu a falsa informação ao editor italiano?

Tu?

O teu editor — a Arcádia?

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES

O principal interessado (bem como o interessado na divulgação do que sobre o romance disseram, influenciados pela falcatura, os jornais comunistas e comunistinhas italianos) era a tua pessoa, e não nos parece que a coisa se tenha processado de outro modo. Mas o caso é grave e pede um inquérito. É preciso saber quem pôs, por ambição mesquinha de glórias ou de reles negócio, o nosso País em jogo. É preciso que o Grémio dos Editores e Livreiros faça alguma coisa. É preciso que se inquiram das responsabilidades também. Coisas destas não são de ler e arquivar.

De arquivar, sim, é o facto de o sr. Cardoso Pires se servir destas falcaturas, ou de permitir que se façam, não esclarecer, para conseguir ser aquilo que, por vias normais, não conseguirá alcançar. É uma nódoa que esperávamos que não o manchasse e que será, a partir de agora, sempre evocada, quando o menino vier à baila. Não com uíques se esquece...

Já não bastavam os plágios vergonhosos do sr. Margarido. Agora, este labéu sobre os escritores portugueses, que, na sua maioria, não têm aliás culpa destes casos, mas cuja reputação corre perigo, com estas manobras, junto de um público em geral. E, mais do que um ou dois escritores, estão em jogo o País e todos os escritores portugueses.

Quanto ao caso do Prémio de

Teatro, da Sociedade Portuguesa de Escritores, estão, segundo nos informaram, em causa, «o Diabo e o Frade», «Marcha Nupcial», «Júlia», «O Palheiro», qualquer coisa de Arcos e de Romeu Correia. Serão só estas as peças?

O jogo, neste sector, é mais confuso, pois os violinistas não afinam todos pelo mesmo diapasão. Ao fim e ao cabo, vencerá qualquer dos meninos, pois todos são muito bem comportados. O sr. Simões, esse, será o menos protegido, mas pode servir, apesar de a peça ser da murrinhinha, um vaudeville pataqueiro. O sr. Ruben tem uma boa peça, ao que consta, uma peça de nível (fora certa verrinas condescendentes et pour cause) mas não deve ir lá: devia ser mais incisivo e não ter discutido com o sr. Lopes do Porto quando foi ao Lins do Rego «O Palheiro», empurrado pelo sr. Salema no «Diário de Lisboa», deve ser uma obra-prima, pois o sr. Salema disse, mas resta saber se o autor é do grupo dominante: se for, leva bom padrinho. O sr. Arcos, depois do insucesso no Nacional, não deve esperar ter sorte, embora, como antigo Presidente da Sociedade, deva ter boas amizades (amizades que estende a muita gente, desde o «Círculo Eça de Queirós» à Sociedade); o insucesso do Nacional (e haja em vista uma nota da «Flama», que aqui citámos) desencorajará

o júri. O Romeu é bom rapaz e João Pedro de Andrade, do «Diabo e o Frade», serão talvez o cavalo de batalha e a melhor safadela... No caso da última peça, o Diabo para metade do júri e o frade para a restante, e tudo estará certo. A não ser que predomine o intelectual e Júlia, como mulher, leve de vencida. Como dissemos, o júri é complexo. Mais um pouco, e, sabendo cá umas coisas, se dirá quem ganha o Prémio do Teatro, tal como se disse já quem ganha o do romance.

A VISITA DO AMIGO GRILLET

O Grillet vem aí lanchar à Sociedade Portuguesa de Escritores, para justificar que se fale no aumento das quotas aos sócios. Vem visitar, entre outros, o génio Marguerite, a quem muito deve, pois este fez o favor de adaptar para português o seu livro «Jalousie» (embora uma editora portuguesa não tivesse gostado, ao que se pensa, da adaptação intitulada «A Centopeia», só por causa do bicho, e tivesse feito uma tradução sob o título «o Ciúmes»). Vem também visitar alguns amiguinhos do «Juvenil», alguns rapazes de pera, meia dúzia de meninas que fazem versos, e o jardim zoológico, pois gosta muito de bichos. Devem usar da palavra, a re-

cebê-lo, o adaptador e o das «Vaidades», contra a vontade do sr. Cochofel, e pode haver surpresas. Uma gentil poetisa entre-

gará o tradicional ramo de flores. Não comparecerão alguns neo-realistas reaccionários. Depois, um lanche, e o visitante usará da palavra, emocionado como um escritor francês até às lágrimas e amável como só um francês. Convidaram-se os jornais.